

## OBJETO, SIGNO E INTERPRETANTE: O FUNDAMENTO DO CONHECIMENTO PARA C. S. PEIRCE

Carlos Magno Pinheiro Barreto Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo pretende discutir aquilo que Johannes Hessen (1980, p. 87) considerou como o verdadeiro problema do conhecimento, a saber: qual o fator determinante do conhecimento humano? O fator principal é o sujeito ou o objeto? Em um segundo momento, discute-se essas questões a partir da epistemologia semiótica de Charles Sanders Peirce, para quem, no processo interpretativo, tanto o sujeito cognoscente, quanto o objeto, cumprem um papel importante. Dessa forma, a partir de conceitos como objeto dinâmico, objeto imediato, percepto, ponecipuum, antecepto e juízo perceptivo é possível compreender que no processo de conhecer a subjetividade e a objetividade estão implicadas; como afirma Hausman (2006, p. 32), a criatividade e as resistências externas não reconhecidas por Peirce como constituintes da interpretação. Conclui-se que na epistemologia peirceana tanto a objetividade quanto a intersubjetividade são importantes e que apesar da ênfase dada na observação dos fatos, o fundamento do conhecimento para Peirce estaria na relação entre objeto, signo e interpretante.

**Palavras-chave:** Epistemologia; Semiótica; Teoria do Conhecimento; C. S. Peirce

### 1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo expor uma das discussões que foram sendo travadas no âmbito do projeto *Mediação dos Algoritmos: Epistemologia, Modos de Existência e Semiose*, sob orientação do prof. Dr. Tarcísio Cardoso, a saber: em que consiste a epistemologia semiótica de Peirce?

A título de resumo do que foi feito no referido projeto, discutimos questões que envolvem o mapeamento do debate epistemológico clássico acerca de questões concernentes à possibilidade do conhecimento, a origem do conhecimento e a essência do conhecimento. Interessa-nos explorar, neste momento, as questões relacionadas ao que Hessen (1980, p. 87) considera como o verdadeiro problema do conhecimento e apresentar como a epistemologia semiótica de Peirce se posiciona diante disso.

Dessa forma, iremos expor o debate sobre a essência do conhecimento, tomando como ponto central a relação entre um sujeito, que conhece, e um objeto, a ser

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Jornalismo da UFBA, membro do GPESC (Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação), e-mail: magnocarlos3232@gmail.com.

conhecido. Esse problema gira em torno da seguinte questão: qual é o fator determinante no conhecimento humano? O fator principal é o sujeito ou objeto? Recorreremos, para a apresentação dessa primeira parte, ao livro de Johannes Hessen (1980), *Teoria do Conhecimento*.

Posteriormente discutiremos sobre o posicionamento de Peirce diante dessas questões. A partir de sua filosofia é possível encontrar um termo novo, que surge no espaço entre duas visões radicais: uma que credita ao sujeito o mérito do conhecimento, já que, para este ponto de vista epistemológico o conhecimento está em um sujeito; e uma outra que reduz o papel do sujeito, na medida em que defende que o processo interpretativo surge como um resultado na consciência de uma ação do objeto. Argumentamos que para Peirce existem dois elementos cruciais que não podem ser perdidos de vista: a objetividade e a intersubjetividade.

## 2. A essência do conhecimento

Ao iniciar o capítulo sobre a essência do conhecimento, Hessen diz o seguinte:

O conhecimento representa uma relação entre um sujeito e um objecto. O verdadeiro problema do conhecimento consiste, portanto, no problema da relação entre o sujeito e o objecto. Vimos já que o conhecimento apresenta-se à consciência natural como uma determinação do sujeito pelo objecto. Mas será justa esta concepção? Não deveríamos antes falar, inversamente, de uma determinação do objecto pelo sujeito no conhecimento? Qual é o factor determinante no conhecimento humano? Tem este o seu centro de gravidade no sujeito ou no objecto? (HESSEN, 1980, p. 87)

Pode-se responder essas perguntas de duas maneiras. A primeira maneira prescinde do caráter ontológico do sujeito e do objeto. Neste caso, Hessen diz que estamos diante de uma solução pré-metafísica. Este tipo de solução pode acarretar um resultado que seja favorável tanto ao objeto quanto o sujeito. “No primeiro caso tem-se o objectivismo; no segundo caso, o subjectivista” (ibid.). Já a segunda maneira de responder essas questões, recorre ao caráter ontológico do sujeito e do objeto e, nesse caso, trata-se da solução de tipo metafísica. A solução de tipo metafísica também leva a dois tipos de resultado, um favorável ao sujeito e outro ao objeto. “Ou se admite que todos os objectos possuem um ser ideal, mental — esta é a tese do idealismo —, ou se afirma que além dos objectos ideais há objectos reais, independentes do pensamento.

Esta última é a tese do realismo” (HESSEN, 1980, p. 87). Trataremos neste tópico somente das soluções de tipo pré-metafísico, embora, como veremos no tópico seguinte, a epistemologia peirceana recorra aos dois tipos de solução para a questão da essência do conhecimento.

Para o objetivismo, o centro de gravidade do conhecimento reside no objeto, de modo que este é o fundamento sobre o qual o conhecimento se assenta. O subjetivismo, ao contrário, fundamenta o conhecimento humano no sujeito (HESSEN, 1980, p. 91). Assim, por um lado, temos a ideia de que o objeto já é algo acabado e que determina o sujeito. Segundo o objetivismo, “os objetos são algo dado, algo que representa uma estrutura totalmente definida, estrutura que é reconstituída, digamos assim, pela consciência cognoscente” (HESSEN, 1980, p. 88-89). Por outro lado, o subjetivismo está fundamentado na ideia de que uma consciência cognoscente define os objetos, ou seja, não há objetos independentes da consciência, mas apenas aqueles que são produtos do pensamento.

Como dissemos na introdução, Peirce tem uma visão intermediária sobre essa questão; nem o sujeito e nem o objeto tem a palavra final nesse processo. Vejamos os pontos principais da epistemologia semiótica de Peirce.

### 3. Epistemologia semiótica

A semiótica proposta por Peirce é vasta e possui questões epistemológicas que norteiam sua investigação, tais como: quais são os meios pelos quais é dado ao homem conhecer? Como a inteligência do homem evolui? Além disso, a semiótica peirceana está integrada em uma ampla estrutura filosófica, que inclui a fenomenologia, as ciências normativas e a metafísica. O campo das ciências normativas é composto por três ramos: a estética, a ética e a lógica, também concebida por semiótica pelo filósofo. A lógica se divide em outros três ramos: a teoria geral dos signos, a lógica crítica ou a teoria dos tipos de raciocínio (abdução, indução e dedução) e a metodêutica. Santaella (2016) afirma que os meios pelo quais a inteligência humana cresce e se transforma se encontram nos métodos das ciências, ou na metodêutica. Tais métodos, segundo a autora (2016, p. 120), estão amparados por “raciocínios autocontrolados” e constituem

formas de pensamento. Nesse sentido, se para Peirce (CP<sup>2</sup> 5.253)<sup>3</sup> “[...] todo pensamento está em signos”, o estudo da semiótica implica, necessariamente, o estudo de várias espécies de signos; e descobrir os meios pelos quais a inteligência humana cresce e se transforma implica em um estudo aprofundado não somente das leis que regem o pensamento, mas também as condições gerais de vida dos signos (SANTAELLA, 2005). Ou seja: antes de estudar os raciocínios propriamente, que estão na base dos métodos científicos, é preciso estudar os variados tipos de signos. A semiótica, dentro do edifício filosófico do autor, funciona como uma disciplina preliminar tendo em vista uma aproximação da questão dos raciocínios e dos métodos.

A semiótica peirceana traz na definição de signo a relação entre real e representação, ou melhor, entre objeto a ser representado e objeto tal qual o signo representa. Uma das diversas definições dadas para signo por Peirce é a seguinte:

[um signo] é qualquer coisa que determina qualquer outra coisa (seu interpretante) a se referir a um objeto ao qual ele próprio se refere (seu objeto) do mesmo modo, o interpretante se tornando por sua vez um signo, e assim por diante, *ad infinitum* (CP 2.303)<sup>4</sup>.

O conceito de signo concebido por Peirce pode ser tomado como uma dinâmica que envolve uma relação irreduzível a três termos e um processo que envolve uma sequência de relações triádicas genuínas, isto é, um “esquema analítico elementar de um processo de continuidade que tanto regride quanto se prolonga ao infinito” (SANTAELLA, 2008a, p. 18). Vale ressaltar que numa relação triádica genuína não só o signo, mas também o objeto e o interpretante são de natureza sígnica, ou seja, os correlatos (Signo-Objeto-Interpretante) são signos e o que os diferencia é o papel lógico desempenhado por todos eles (SANTAELLA, 2008a, p. 17).

Segundo as pesquisadoras Priscila Borges e Juliana Franco, “[...] o processo semiótico revela um ponto de ancoragem para a realidade, principalmente através da ideia de Objeto [...]” (Borges; Franco, 2015, p. 77). As autoras dizem que as discussões sobre realismo em Peirce têm buscado com frequência na semiótica, principalmente no

---

<sup>2</sup> CP se refere ao The Collected Papers. O primeiro número se refere ao volume, o segundo, depois do ponto, ao número do parágrafo.

<sup>3</sup> No original: “all thought is in signs”.

<sup>4</sup> No original: “[A sign is] Anything which determines something else (its interpretant) to refer to an object to which itself refers (its object) in the same way, the interpretant becoming in turn a sign, and so on *ad infinitum*”

desenvolvimento dos conceitos de objeto imediato e dinâmico, “argumentos para defender um tipo peculiar de realidade desenvolvido por Peirce” (BORGES; FRANCO, 2015, p. 78).

Concebida como ciência geral das representações, as condições para a transmissão do significado são dadas pelos elementos que compõe a tríade sîgnica – signo, objeto e interpretante:

Esses três elementos são necessários para a definição mais simples de signo em Peirce que afirma que o signo serve para transmitir conhecimento sobre alguma outra coisa que ele substitui, da qual ele está no lugar e que, portanto, ele representa (BORGES; FRANCO, 2015, p. 78).

Essa coisa que o signo substitui é chamado de objeto do signo e a ideia que o signo excita na mente, que é um signo mental do mesmo objeto, é chamado de interpretante do signo (EP<sup>5</sup> 2:13)<sup>6</sup>.

A partir dessa definição, o objeto é apresentado como sendo aquilo que o signo substitui, de modo que o signo, ocupando o lugar do objeto, o representa criando uma ideia do objeto na mente (BORGES; FRANCO, 2015, p. 78). Nesse sentido, o signo é o único agente ativo dessa relação. No entanto, as autoras citam uma outra passagem da obra de Peirce em que existe uma outra força de determinação que coloca o objeto em uma posição ativa. Trata-se da seguinte passagem:

Como um *medium*, o Signo está essencialmente em uma relação triádica, com seu Objeto que o determina e com seu Interpretante que ele determina. Em sua relação com o objeto, o signo é passivo; isto é, sua correspondência com o Objeto é provocada por um efeito no Signo, permanecendo o Objeto inalterado. Por outro lado, em sua relação com o Interpretante, o Signo é ativo, determinando o interpretante sem ser ele próprio afetado (EP 2:544)<sup>7</sup>.

Nessa relação de passividade do signo para com o objeto, o objeto provoca um efeito no signo e essa relação de correspondência do signo para com o objeto em

---

<sup>5</sup> EP se refere ao Essencial Peirce vols. 1 e 2. O primeiro número se refere ao volume, o segundo, depois dos dois pontos, ao número da página.

<sup>6</sup> No original: A sign is a thing which serves to convey knowledge of some other thing, which it is said to stand for or represent. This thing is called the object of the sign; the idea in the mind that the sign excites, which is a mental sign of the same object, is called an interpretant of the sign.

<sup>7</sup> No original: “As a medium, the Sign is essentially in a triadic relation, to its Object which determines it, and to its Interpretant which it determines. In its relation to the Object, the Sign is passive; that is to say, its correspondence to the Object is brought about by an effect upon the Sign, the Object remaining unaffected. On the other hand, in its relation to the Interpretant the Sign is active, determining the interpretant without being itself thereby affected”.

nada altera o próprio objeto. O real, para Peirce (CP 8. 7-38), é aquilo que é independente da mente, de modo que o objeto exterior permanece inalterado pela ação do signo. Peirce defende a tese segundo a qual não temos nada imediatamente presente para nós, a não ser pensamentos. “Esses pensamentos, no entanto, foram causados por sensações, e essas sensações são constrangidas por algo fora da mente” (CP 8.12). A ideia é que, entre o ser humano e o mundo exterior a ele, há algo que medeia essa relação, o pensamento. O pensamento é a única coisa que está imediatamente presente para nós e esse algo fora da mente, que é percebido, se força sobre nós de tal modo que não podemos pensar que esse algo não está lá.

Borges e Franco afirmam que essa relação de algo externo que afeta o pensamento (ou signo) e que não é afetado pelo signo passa a ser explicitada nas definições de signo em geral, e não somente no signo indicial<sup>8</sup>, a partir de 1903 na obra de Peirce (Borges; Franco, 2015, p. 79). A divisão entre objeto imediato e dinâmico é uma preocupação de Peirce em deixar mais claro a relação de determinação que não era muito explorada nas definições iniciais da semiótica (BORGES; FRANCO, 2015, p. 79).

Peirce define objeto imediato do signo como o objeto representado pelo signo e o objeto dinâmico como o objeto que é independente do modo como pensamos sobre ele (2015, p. 79-80). Peirce diz:

Mas resta ressaltar que geralmente existem dois objetos e mais de dois interpretantes. Nomeadamente, temos que distinguir o Objeto Imediato, que é o Objeto como o próprio Signo o representa, e cujo Ser é, portanto, dependente da Representação dele no Signo, do Objeto Dinâmico, que é a Realidade que de algum modo determina o signo para sua representação (CP 4.536)<sup>9</sup>.

É nesse sentido que Carl Hausman (2006) afirma que a interpretação ocorre em relação a um referente. Se o objeto dinâmico determina o signo (pensamento) e,

---

<sup>8</sup> Sobre os índices, Peirce diz que é um signo “que se refere ao seu objeto não tanto por causa de qualquer semelhança ou analogia com ele, nem porque está associado a caracteres gerais que esse objeto possui, mas porque está em conexão dinâmica (incluindo espacial) com o objeto individual, por um lado, e com os sentidos ou a memória da pessoa para quem serve como sinal, por outro” (CP 2.305).

<sup>9</sup> No original: “But it remains to point out that there are usually two Objects, and more than two Interpretants. Namely, we have to distinguish the Immediate Object, which is the Object as the Sign itself represents it, and whose Being is thus dependent upon the Representation of it in the Sign, from the Dynamical Object, which is the Reality which by some means contrives to determine the Sign to its Representation”.

como vimos, não é afetado pelo modo como o signo o representa, podemos dizer que a interpretação é referencial (HAUSMAN, 2006, p. 232). Para Hausman, Peirce apresenta uma maneira de mediar duas visões sobre o processo interpretativo: a primeira que prega um isolamento conceitual e linguístico, uma visão que reivindica que a interpretação cria seu referente e outra que advoga por um realismo extremo, em que as restrições externas à mente tem a palavra final na interpretação. O autor afirma que Peirce reconhece os dois processos: o aspecto criativo e a resistência externa. Hausman diz que sua versão da visão de Peirce:

“propõe que, embora o contexto e os hábitos anteriores afetem a interpretação, há também uma condição indeterminada, que, em alguns aspectos, é independente do pensamento, de modo que restringe e, portanto, limita a hegemonia da interpretação sobre o objeto” (HAUSMAN, 2006, p. 232)<sup>10</sup>

Então, assim como Borges e Franco, Hausman diz que o objeto dinâmico funciona como um determinante do signo, embora não deixe de lado que pressuposições prévias e experiências passadas influenciem no processo interpretativo. Dessa forma, teríamos a influência externa, do objeto dinâmico que determina o signo, e interna, de pressuposições e experiências anteriores. Tudo isso leva ao objeto imediato, produto do processo interpretativo (HAUSMAN, 2006, p. 234).

O autor segue dizendo que apesar do processo interpretativo ter como alvo o objeto imediato, isto é, o objeto dinâmico interpretado, as interpretações devem começar com objetos que precisam ser interpretados. Hausman afirma que “Esse objeto é pré-interpretado e, portanto, precede o objeto imediato. Assim, a interpretação trata de um objeto duplo” (HAUSMAN, 2006, p. 239)<sup>11</sup>. O objeto dinâmico é a primeira coisa a ser interpretada e o objeto imediato é o começo da interpretação. O objeto dinâmico exerce uma força de determinação sobre o signo e funciona por meio de restrições que levam o intérprete para diferentes direções. Portanto, só há interpretação se houver o objeto dinâmico (HAUSMAN, 2006, p. 235).

---

<sup>10</sup> No original: “My version of Peirce’s view proposes that although context and previous habits affect interpretation, there is also an indeterminate condition, which, in some respects, is independent of thought so that it constrains and thus limits the hegemony of interpretation over its object”.

<sup>11</sup> No original: “Although interpretations aim at immediate objects, they must begin with objects that need to be interpreted. This object is pré-interpreted and thus precedes the immediate object. Thus, interpretation addresses a twofold object.

O autor se pergunta em que estágio o pré-interpretado começa a ser interpretado e como o pré-interpretado funciona como um caminho em que a interpretação é restrita (HAUSMAN, 2006, p. 239). A resposta dada é que o percepto age como esse objeto dinâmico pré-interpretado. Hausman explica que o percepto é pré-cognitivo e funciona como um objeto dinâmico percebido (ibid.). Peirce descreve o percepto da seguinte maneira:

A cadeira que eu pareço ver não faz declaração alguma, essencialmente não incorpora intenções de nenhum tipo, não representa nada. Obstrui-se ao meu olhar; mas não ‘como’ qualquer coisa. Simplesmente bate no portal da minha alma e fica parada na porta (CP 7. 619)<sup>12</sup>

O filósofo norte-americano fala de uma insistência do percepto, algo que não conseguimos evitar. Ele diz que é “forçado a confessar que isso [o objeto] aparece [...] Não consigo pensar que a aparência não está lá, nem a descarto como queria.” (CP 7.620).

Assim, há dois elementos que compõem o percepto: o primeiro refere-se a uma qualidade que é em si mesma independente de sua relação com outra coisa, e o segundo a elementos conectivos que indicam que o objeto é esse e não outro, que está no aqui e agora (CP 7.625). Peirce afirma que há uma lacuna no percepto que não estamos livres para preencher, mas que, com mais informações e com o esforço interpretativo, é possível preenchê-la. Isso indica que há uma independência do percepto em relação à mente e que o juízo perceptivo, que implica numa determinação provisória do que é esse percepto (HAUSMAN, 2006, p. 239-240), não é totalmente livre na interpretação. Ao mesmo tempo, o intérprete pode ter em mente muitas coisas, como experiências anteriores e hábitos já cristalizados, de modo que, no julgamento perceptivo, há uma certa liberdade de escolha do intérprete.

O percepto é transformado na medida que é incorporado ao processo interpretativo. No entanto, Peirce sugere uma maneira de explicar a transformação. ‘Por isso e por outras razões, proponho considerar a

---

<sup>12</sup> No original: “The chair i appear to see makes no professions of any kind, essentially embodies no intentions of any kind, does not stand for anything. It obstrudes itself upon my gaze; but not as a deputy for anything else, not ‘as’ anything. It simply knocks at the porta of my soul and stands there in the doorway”.

percepção como ela é imediatamente interpretada no julgamento perceptivo, sob o nome de percipuum' (HAUSMAN, 2006, p. 240)<sup>13</sup>

O percipuum seria uma versão do objeto imediato, é uma versão do percepto imediatamente interpretado. O percipuum é um estágio do processo interpretativo que envolve uma espécie de ponte para relacionar com outras percepções e julgamentos perceptivos (HAUSMAN, 2006, p. 240). Haveria, então, junto ao percepto uma espécie de antecipação, o que Peirce denomina de antecepto, e a memória recente, denominada pelo filósofo de ponecepto. Hausman explica que “Afinal, o antecepto e o ponecepto são descritos em termos de processos mentais de antecipação e memória, que tem seu locus no agente interpretador” (HAUSMAN, 2006, p. 243)<sup>14</sup>

As ideias peirceanas de objeto dinâmico, percepto, objeto imediato e julgamento perceptivo fornecem uma maneira de entender os dois lados da interpretação, o objetivo e o intersubjetivo (HAUSMAN, 2006, p. 245). Por mais que o percepto seja independente do que pensamos sobre ele, em todo processo interpretativo existem mecanismos de antecipação e memória que interagem com as resistências e reações do percepto.

A consequência epistemológica que se extrai disso é que, apesar de termos contato direto, físico com o mundo exterior, não há acesso cognitivo sem mediação – e isso começa na percepção. Mesmo nos processos perceptivos mais rudimentares, quando nossa reação ao percepto fica no nível de uma simples ação reflexa, essa ação funciona como um quase-signo, pois se trata aí de uma forma muito frágil de predicação (SANTAELLA, 2008b, p. 99).

É através do processo de mediação que a realidade se manifesta. Santaella diz que Peirce considera a semiose, ou ação do signo, como o processo pelo qual o objeto dinâmico se revela, mesmo que esse processo de revelação não passe de um ideal ou esperança ainda não atingida (SANTAELLA, 2008b, p. 100). Essa revelação, que ocorre no interpretante final é “um limite idealmente pensável, mas nunca inteiramente atingível”, já que o objeto não pode ser exaurido por nenhuma interpretação (SANTAELLA, 2008b, p. 101) e pelo fato do conhecimento do homem ser falível. No

---

<sup>13</sup> No original: “The percept is transformed as it is taken up into the interpretive process. However, Peirce suggests a way to account for the transformation. ‘For thus and other reasons, I propose to consider the percept as it is immediately interpreted in the perceptual judgment, under the name of the percipuum”

<sup>14</sup> No original: “After all, the antecept and ponecept are described in terms of mental processes of anticipation and memory, with have their loci in the interpreting agent”

entanto, a autora nos apresenta um ponto importante do pensamento peirceano que é a tendência à autocorreção da semiose, algo que permite a correção de possíveis erros que podem prevalecer em determinados períodos.

É claro que a natureza coletiva do interpretante depende de sua atualização em interpretantes particulares. Contudo, o particular é inescapavelmente falível. Só o desenrolar histórico contínuo dos interpretantes pode permitir que falhas interpretativas sejam, até certo ponto, superadas. O potencial para isso inere à tendência autocorretiva e auto-regulativa da semiose, pois, por mais que interpretações fantasiosas possam prevalecer durante algum tempo, a semiose, cedo ou tarde, tende a se autocorrigir porque o objeto do signo (a realidade) insiste. Disso se infere a importância do papel desempenhado pela determinação do signo pelo objeto. Ao mesmo tempo em que a semiose interpretativa incorpora a diversidade de opiniões e a pluralidade de perspectivas, o objeto, fonte da semiose, insiste na sua determinação. Nesse caráter da semiose, encontram-se o princípio do realismo científico de Peirce; semiose entendida como equivalente a continuidade, inteligência, aprendizagem, crescimento e vida (SANTAELLA, 2008b, p. 104)

Encontramos nessa citação dois aspectos cruciais da epistemologia peirceana, a saber: a insistência da realidade (objeto), que independe de interpretações particulares; e a ideia de comunidade cognitiva. O pluralismo e a liberdade são aspectos importantes para a tendência de autocorreção e aprimoramento da semiose. É no âmbito da comunidade que as tendências particularistas do pensamento podem ser corrigidas, debatidas e aprimoradas. Ao mesmo tempo em que Peirce ressalta a importância dessa dimensão coletiva do pensamento para a ciência, fica claro na citação a importância da atualização dos interpretantes nos interpretantes particulares. É em um ambiente plural e que respeita as liberdades individuais que a melhor ciência pode ser desenvolvida.

O outro ponto importante é a noção de insistência do objeto dinâmico (realidade). É a partir dessa insistência que é possível fazer correções e aumentar nosso conhecimento sobre o objeto. E é nesse sentido que Ivo Ibri afirma que a semiótica precisa vazar-se dos limites do universo sígnico intersubjetivo, recolhendo significados naturais e “as formas gerais sob as quais aqueles objetos também se tornam matérias de experiência”, de modo a reconhecer na alteridade um elemento balizador das interpretações (IBRI, 2006, p. 251).

Ou seja, na epistemologia peirceana, tanto a objetividade quanto a intersubjetividade são importantes no processo de busca pelo conhecimento. Apesar da ênfase dada na observação dos fatos, o fundamento do conhecimento para Peirce estaria

na relação entre objeto, signo e mente. Ao contrário dos polos objetivismo/subjetivismo, canônicos na epistemologia moderna, Peirce acrescenta dois atores na conta: a mediação do signo e a comunidade cognitiva, capaz de corrigir os possíveis particularismos do pensamento no longo prazo. Essa é, em síntese, a proposta epistemológica apresentada pelo autor para resolver o problema da essência do conhecimento.

## Referências

FRANCO, Juliana Rocha; BORGES, Priscila Monteiro. O real na filosofia de C. S. Peirce. **Teccogs**: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, TIDD | PUC-SP, São Paulo, n. 12, p. 66-91, jul-dez. 2015

HAUSMAN, C. R. Peirce's Semeiotic Applied to Perception – The Role of Dynamic Objects and Percepts in Perceptual Interpretation. **Cognitio**, São Paulo, v. 7, n. 2, 231–246. 2006.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

IBRI, Ivo Assad. Pragmatismo e Realismo: A Semiótica como Transgressão da Linguagem. **Cognitio**, São Paulo, v. 7, n. 2, p.247-259, 2006.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Eletronic ed. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1978

PEIRCE, C. S. **The essential Peirce: selected philosophical writings**. v. 1 e v. ed. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1998. [EP]

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005

SANTAELLA, Lucia. **Teoria Geral dos Signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2008a.

SANTAELLA, L. Epistemologia Semiótica. **Cognitio**, São Paulo, v. 9, n. 1, p.93-110, 2008b

SANTAELLA, Lucia. Mente e/ou consciência em C. S. Peirce. **Cognitio**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.119-130, jan./jun. 2016.